

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -

Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Barcelos Antigo

Extracto do «Portugal antigo e Moderno» de Pinho Leal

(Continuação do número 27)

Cria também muito gado de toda a qualidade e muitas colmeias.

Os seus montes abundam em caça e o Cávado lhe dá salmões, lampreias, ráveis e várias qualidades de peixe.

Tem mercado todas as 2.ªs feiras.

A Matriz, Santa Maria Maior ou Nossa Senhora da Assunção (antigamente se lhe dava o título do N.º S.ª das Neves), é de três naves e está dentro do cerco das muralhas, foi fundada por D. Fernando I, duque de Bragança; é colegiada confirmada por o Papa Paulo II, em 1474.

Esta colegiada tem prior, três cónegos *inteiros* e seis cónegos *tercenários*. A renda destes reverendos, era, até 1834, os fructos das igrejas desta vila, Vila Frescaíña, Barcelinhos, Carvalhal, Gilmonde, Vila Sêca, Milhazes, Faria, Vilar de Figos e Courel; todas no termo desta vila, cujos vigários era apresentados pelo prior, menos os de Vila Sêca, que apresentava a casa de Bragança. O prior tinha 1:000:000 de reis de renda; cada cónego *inteiro* 350:000 reis e os *tercenários* 150.000 reis.

D. Pedro II (achando ainda isso pouco) lhes deu mais, para todos, 450:000 reis de *juro rial*, na alfandega de Lisboa.

Havia mais um tesoureiro-mór (que não tinha obrigação de residir) e recebia os fructos das igrejas de Fragsão e S. Claudio, e o arceipreste, que tinha os rendimentos dos fructos da igreja de Deucriste.

Tem Misericórdia e hospital fundados com os rendimentos do *real de água* e por provisão de 1711, lhe concederam, enquanto durassem as obras 1.500 medidas de pão anualmente.

Tem 2:8000:000 reis de fundos que traz a juros.

Foi e rei D. Manuel que fundou este estabelecimento de caridade, pelos anos de 1512.

A igreja foi profanada a 26 de Janeiro de 1846, depois de lhe tirarem os santos, ossos, etc., e o hospital havia sido mudado em 1836 para o convento de S. Francisco.

A Misericórdia tem uma boa galeria de retratos dos bemfeitores, distinguindo-se o do seu fundador, o rei D. Manuel, e o do duque de Bragança D. Teodósio, pai de D. João IV.

A igreja do Menino Jesus e um recolhimento pegado, fundou, pelos anos 1730, uma prêta, chamada Victória, escrava de Bento Ferreira Gomes, desta vila, com esmolas que pediu.

Foi depois convento de freiras beneditinas.

Suprimiram-no depois de 1834.

A igreja está a cargo da irmandade do Terço, que a tem em bom estado.

E' situada no Campo da Feira.

Barcelos foi cabeça de Condado, o primeiro que houve em Portugal, dado por D. Diniz, em 8 de Maio de 1298, a D. João Afonso Telo de Menezes, seu mordomo-mór, casado com Teresa Sanchez, filha de D. Sencho II de Castela.

Fra Casil.

(Continúa).

PEDIDO JUSTO

Pessoa nossa amiga pede-nos para chamarmos a atenção da nossa Câmara para a situação precária e até angustiada em que se encontram os dois velhos guardas das reatras públicas no largo das Barrócas desta cidade.

Coitados, tem de ordenado mensal com escudos do qual ainda descontam 3\$50!

Estes humildes serventuários da Câmara, que passam todos os seus dias num serviço que nem todos a elle se sujeitam são dignos de melhor remuneração.

Oxalá encontrem ouvidos os nossos rógos.



Nossa Senhora da Franqueira

Carta de Barcelos

Tivemos o prazer de cumprimentar na frêguesia do Carvalhal, quando de visita ao Ex.mo P.e José A. Aires digno director deste semanário, o Ex.mo Sr. P.e Nilo muito ilustre orador sagrado.

— O Ex.mo Sr. Dr. José Gomes de Matos Graça, ilustre Governador Civil do Distrito partiu para Lisboa afim de tratar de assuntos urgentes para a cidade de Braga.

— Foi operada em Braga estando prestes a regressar a esta cidade a Ex.ma Snr.a D. Maria do Carmo Ferreira, distinta jornalista.

— O tempo tem corrido bastante chuvoso.

— Vimos nesta cidade o nosso bom amigo Manuel Ferreira Alves, da frêguesia do Carvalhal, digno membro da Comissão Administrativa da Confraria de N.º S.ª da Franqueira.

— A Câmara Municipal deliberou aumentar ao preço da carne de vaca e porco a quantia de \$40 em kilo cuja receita reverte a favor das Festas das Cruzes. — C.

A Franqueira

A noticia que velozmente correu acerca do calcetamento à portuguesa da estrada da Franqueira, que vai de Mareces até ao lugar da igreja do Carvalhal, foi por toda a gente de Barcelos bem recebida.

Pede-se, agora, ao Ex.mo Sr. José de Baça e Menezes, ilustre vereador da Câmara, que tem a seu cargo as estradas do concelho, para que mande arborisar este lindo lanço de estrada.

Se isto se der, como se pede, ficará a estrada do Carvalhal sendo uma lindíssima avenida que de verão deliciará com boa sombra os indivíduos que nela transitarem.

Oça-nos o Ex.mo Sr. Baça e Menezes.



O Evangelho

Retirou-se Jesus para os laços de Tiro e de Sidônia. E eis que uma mulher cananea, que tinha saído daqueles confins, lhe suplicou: — «Senhor, filho de David, tem compaixão de mim; tenho a minha filha miseravelmente atormentada pelo demônio». Mas Jesus não lhe respondeu palavra; e chegando-se os discípulos, lhe petiram: — «Despede-a, porque vem gritando atrás de nós». Respondeu-lhes o Salvador: — «Não fui enviado sendo às ovelhas que pereceram da casa de Israel». Mas veio a mulher e o adorou dizendo: — «Senhor, valei-me!» E Jesus: — «Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães». Replicou ela: — «Assim é Senhor; mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem das mesas dos donos». Disse então Jesus: — «O mulher, grande é a tua fé; faça-se contigo como queres!» E desde aquela hora ficou sã a filha da cananea.

A Fé, manancial de glória

O mulher, grande é a tua fé!

Sempre que Nosso Senhor se dispõe a operar algum milagre, exige primeiro que tudo a fé. Ainda no Evangelho da Quinquagésima o verificamos, quando Jesus diz ao cego de Jericó: *Vê a tua fé te salvou*. Dissemos então que precisamos de pedir com fé e confiança a luz espiritual; e crendo, é preciso pedir aumento de fé; e amando, aumento de amor divino; por isso que Deus concede as suas graças consoante a petição e desejo delas, pois atende sempre o desejo da alma humilde (Psal. X, 17).

No Evangelho desta 2.^a Dominga da Quaresma, o Salvador põe à prova a humildade e a fé da pobre mulher cananea, mãe de uma filha atormentada pelo demônio; e como ela fica firme à rude prova, diz-lhe então: *O mulher, grande é a tua fé! faça-se contigo como queres!* E sarou-lhe a filha...

Propônho-me hoje demonstrar-vos, cristãos, que a fé é para todos nós um manancial de glória; e por três motivos: pela nobreza dos sentimentos que ela inspira, pela magnificência das recompensas que promete, e pela multidão dos homens ilustres aos quais ela nos associa.

I. — A fé é para todos os fiéis um manancial de glória, pela nobreza dos sentimentos que inspira.

Uma das grandes injustiças do mundo, acerca da fé, é julgar que ela sufoca os mais nobres sentimentos do coração e só inspira a seus discípulos pensamentos baixos e servis. Ah! se a baixeza de sentimentos está em alguma parte, não é no cristão, é no mundano. Tudo é grande no coração do fiel:

a) Grande, primeiramente, pela pureza dos motivos que o fazem agir, que não são o interesse, o orgulho, a ambição; deixa aos mundanos estes tristes motivos que os impulsionam; para o cristão, é preciso procurar mais alto os motivos da sua conduta, que são o desejo de agradar ao Deus que o criou e resgatou, o zelo pela salvação e felicidade dos seus irmãos. E a isto que a humanidade deve os grandes nomes que a honram: os Franciscos Xavier, os Franciscos de Sales, os Vicentes de Paulo e tantos outros. Virtuoso pela sua fé, o cristão é-o sempre e em toda a parte, oculto e em público, no coração e exteriormente.

b) O fiel é grande pela coragem que manifesta. É muito fácil ser do mundo; basta deixar-se uma pessoa levar por tudo o que

sugere uma natureza inimiga da sujeição. Mas para ser cristão, é outra coisa: é preciso governar as paixões, fazer-lhes violência a todo o momento. Recebeste uma afronta? reprime o desejo de vingança, e perdôa; fremem as paixões, e querem saciar-se? impõe-lhes silêncio e retém-nas escravas. «Mas é muito difícil, mas é contra o meu temperamento...» Não importa; exige-o a fé; o cristão consegue-o. Ora se a glória caminha sempre a par da vitória, se a vitória é tanto mais gloriosa quanto mais obstáculos vence, o que haverá de mais glorioso do que este triunfo permanente do cristão sobre si mesmo? «É o acaso, diz Massillon, que faz os heróis»; é um valor de todos os dias que faz o cristão.

Podem as paixões colocar-nos muito alto, mas é só a virtude que nos eleva a cima de nós mesmos.

II. — A fé é para todos nós um manancial de glória, pela magnificência das recompensas que promete.

Quais são as recompensas da fé? Conheçemo-las: A adoração de Deus, uma sociedade imortal com ele, a redenção perfeita dos corpos, a eterna felicidade das almas, o livramento das paixões, os corações fixos pela posse do verdadeiro bem, os espíritos penetrados da luz inefável da razão soberana, e felizes pela visão clara e sempre durável da verdade; tais são as promessas da fé.

Que dará o mundo aos seus partidários que possa comparar-se a este glorioso destino? O gozo das paixões? aviltam. A alegria dos prazeres? acompanha-os a amargura. A fruição das riquezas? as riquezas adquirem-se com fadiga, conservam-se com inquietação, perdem-se com desgosto. A alegria das amizades? pobres de nós! os amigos, ou nos ferem o coração, ou nos fogem no túmulo. O gozo da ciência? o que sabemos não nos consola do que ignoramos. O prazer da glória? sem contradita, são os mais enganadores, os mais invejados; e o que é a glória humana? um fumo ténue que num instante se dissipa. «Ai de mim! gemia no seu leito de agonia um general célebre; de que me servirão as vitórias que alcancei no tribunal, de Deus que me vai julgar? Que tenho para lhe oferecer, em vez de lauréis inúteis? nem um copo de água fria, dada em seu nome!» Eis o que fica das recompensas do mundo: coisa nenhuma!

Ainda se houvesse a certeza de as obter!... mas quantos serviços esquecidos, quantos méritos desprezados, quantos sacrifícios tidos por nada! Ah! não é assim no serviço do Senhor; nada se perde do que se faz por ele: o peso das lágrimas, o número dos suspiros; terá recompensa um copo de água fria (Math., X, 42); e que recompensa a mim o fizeste, diz o Senhor; eu serei a tua recompensa (Gen., XV, 1). Meditemos, saboreemos estas palavras: Eu, o teu Deus, a fonte de toda a beleza, de toda a amabilidade, de toda a glória, de toda a felicidade, serei a tua recompensa, de ti, pobre criatura, que és a mesma fraqueza; eu te envolverei, te penetrarei, e te farei rico com a minha divindade; se é inefável possuir um instante a Jesus sob os véus eucarísticos, que felicidade não será possuí-lo eternamente e sem véus!

III. — A fé é para todos os cristãos um manancial de glória, pela multidão dos homens ilustres aos quais ela nos associa.

Em presença da campanha de descrédito que a religião sofre no meio do mundo, nada há de mais interessante, e ao mesmo tempo mais próprio para nos aumentar a fé, do que lembrarmos essa longa série dos grandes personagens que, de século a século, honraram a religião pela sua fé, virtudes e génio.

Que figuras gigantesas esses Doutores e Padres da Igreja, dos quais muitas vezes ouvimos citar os nomes e as obras do alto dos púlpitos, como Tertuliano, Origenes, Am-

brózio, Agostinho, Crisóstomo!... Que homens e ao mesmo tempo que santos, como António de Lisboa, Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Francisco de Sales, Vicente de Paulo, Francisco Xavier!... Que nomes mais ilustres, e ao mesmo tempo fervorosos cristãos, como o nosso Bem-aventurado D. Nuno Alvares Pereira, S. Luís rei de França, Bayard, Turène, Condé, Villars, Foch, as nossas Infantas Sancha e Mafalda, o Infante Santo, e a rainha Santa Isabel!... Villars, ferido mortalmente em campanha, quiz receber os sacramentos diante de todo o exército, e exclamou: «Se o exército não vê Villars morrer como herói, que o veja morrer como cristão.» Que génios como Bussuet, António Vieira, Pascal, Fenelou e mil outros...

Em face de tais homens, que vêm a religião como obra de Deus, que valor podem as objeções de alguns incrédulos, inimigos impotentes das verdades que Pascal defendeu, que Newton acreditou e que Descartes respeitou? E agora diz-me qual é o mais digno de desprezo e piedade: — se o incrédulo, que só tem por guia uma razão limitada, como regra as inclinações depravadas; se o fiel que, submetendo a razão à fé, goza de todas as luzes com que ela enriquece as inteligências, se nobilita pela grandeza que ela inspira, que acredita a par dos maiores génios da ciência e dos mais nobres corações da sociedade.

O meu Deus! eu não tinha ainda apreciado bem o dom da fé no seu justo valor; mas neste momento, compreendo-lhe todo o preço. Rôgo-vos, meu Deus, a graça de honrar a minha fé pela nobreza dos sentimentos, de caminhar generosamente pela estrada que os santos seguiram, e de merecer pela fidelidade aos deveres que a fé me impõe, as recompensas que me promete.

Auxiliar a Boa Imprensa é o dever de todo o católico sincero.

Amor da Pátria, virtude cristã por excelência

Dizem de Viens que o Bispo de Linz elaborou e publicou uma pastoral cujo alcance é mais do que religioso, visto apontar aos católicos, em termos particularmente claros, a missão de velar pela independência do estado austríaco. O Bispo aceita que a Nação não tem o direito, em nome do princípio das nacionalidades, de despedaçar os estados politicamente constituídos e, sem se preocupar com os direitos históricos, de fazer a unidade nacional dentro do quadro dum estado único.

O princípio nacionalista, levado ao extremo, que pretende identificar as fronteiras da Nação com as do Estado, não se pode realizar sem violação ostensiva dos direitos historicamente adquiridos. O Bispo reprova «os ódios doentios dos nacionalistas-socialistas contra a velha Austria. O ideal austríaco e pelo menos tão legítimo — afirma a Pastoral — como o ideal alemão.

A grande Austria era a encarnação do nacionalismo cristão na sua manifestação mais ideal. Os homens mais nobres e mais esclarecidos ainda lhe são dedicados. Se há direito de pensar como alemão, também há o mesmo direito de pensar como austríaco. A Nação não termina nas fronteiras do Estado e não pode desconhecer um passado glorioso, em nome duma mesquinha e estreita ideia nacionalista. O «Reichs post» comenta esta Pastoral dizendo que ela é um verdadeiro «vade mecum» de todos os católicos austríacos.

VARIEDADES

CARTAS

*Cartas... Fôlhas de papel,
Testemunho de omidade,
Filhas da nossa saudade
E da ausência cruel.*

*Chega uma carta querida
Anciosamente esperada?...
E' florinha desfolhada
No jardim da nossa vida.*

*Cartinhas leves, ligeiras,
Bocadinhos de papel,
Como pombas mensageiras
Duma amizade fiel...*

*Mas as cartas o que são?
Flôres que se desfolharam
Saudades que se trocaram,
Pedacos do coração...*

*Cartas lindas, bem notadas,
Que a gente nem mais esquece,
Cartas mal alnhavadas,
Sem a graça e com interesse...*

*Há cartas que dizem tanto
Em laconismo aparente,
E é tão grande o seu encanto
Que enchem a alma da gente.*

*Cartas... O que é que elas são?
Flôres que se desfolharam
Saudades que se trocaram
Pedacos do coração!*

MADRE SILVA.

Tais princípios, tais fins

*Oriovão, manda teus filhos
Do padre ouvir a oração,
Para depois de morrerem
P'ra juntos de Cristo vão:*

*Margarida, tua sorte
Inda não está decidida;
Mas, crê, que por tua causa,
Muito tem a amargar Ida.*

*Carolina, aquele vestido
Que te deu a Josefina,
Hás-de pagá-lo bem pago;
Vai ficar mui caro, Lina.*

*Paulino, tomá cuidado
Com teu tio Celestino;
Nunca te esqueça o ditado:
Quem pão dá, dá o pau, Lino.*

*Boaventura, se feliz
Tu queres ser criatura;
Pede muito a S. Luiz
Que te dê boa ventura.*

Lebricho.

NOTA ALEGRE

*No tribunal:
E' acusado de ser o autor do roubo dum
pôrco.*

—Sim senhor.

—Pegou nesse pôrco?

—Sim senhor.

—Logo, reconhece-se culpado?

—Não senhor, Apanhei o por brincadeira.

O juiz reflectiu um instante e diz depois:

—Até que distancia levou esse pôrco?

—Até minha casa. Uns três quilómetros.

—Pois levou a brincadeira até muito longe.

*

Exclamação imprudente.

Jantava um dia Alexandre Dumas, filho, em casa do dr. Gistal, uma das celebridades médicas mais em evidência em Marselha.

Terminado o jantar, o dono da casa dirige-se ao seu convidado nestes termos:

—Meu querido poeta; sei que é um repentista admirável e eu onso abusar da tua paciência, pedindo-lhe que honre o meu album com um verso seu, uma frase, qualquer pensamento, emfim.

—Com muito prazer, respondeu Dumas. E, tomando o album, começou a escrever:

«Desde que o dr. Gistal
Presta a familias inteiras
Os seus cuidados mais sérios,
Demoliu-se o hospital...»

Lisonjeiro! interrompe o médico que, por sobre o hombro do poeta, estava lendo o que elle escrevia.

Alexandre Dumas suspendeu a pena e, sorrindo maliciosamente á exclamação do dr. Gistal, concluiu assim a estrofe:

«P'ra fazer dois cemitérios».

Seqüência

(Continuação do número 10)

Valei-me naquela hora,
Valei-me naquele instante;
E se sois, meu Deus, amante,
Não me lanceis de Vós fora.
Eu bem sei, Senhor, que agora
Preces meae non sunt dignae:
Set tu bonus fac benigne,
Buscô a Vossa protecção,
Dai-me, Senhor, vossa mão
Ne perenni cremer igne.

Vós que sois Pastor amigo,
Muito recto, justo e igual;
Não me deixeis fazer mal,
Livrai-me do inimigo.
E p'ra não ter algum p'riço,
Inter oves locum praesta,
Et haedis me sequésira,
Apartai-me do mau gado,
Dai-me, Senhor, vosso lado
Statuens in parte dextra.

Ai me ponde, Senhor,
Não me risqueis da memória;
Pois eu não quero mais glória
Que ter-vos por meu pastor.
De parte, ponde o turor
Confutátiis maledictis,
Flammis acerbis addictis,
E suposto eu seja um réo,
Se muitos vão para o Céu
Voca me cum benédictis.

(Continua no próximo número.)

Secção charadística

CHARADAS

AFERESADA

(por sílabas)

NASCER-VIVER-MORRER

Nascer, meu Pai do Céu, não sei se me custou,
Pois nunca cogitei de tal averiguar;
E como minha mãe há muito se finou
Não pode mais ninguem de tal me pôr ao par.

Viver, meu Pai do Céu, muito me tem custado,
E dia a dia vai custando muito mais;
Pois tudo me parece haver-se combinado
P'ra ser um infeliz em meio dos mortais.

Morrer, meu Pai do Céu, sabeis quanto me custa,
Por ter de contas dar do meu mau proceder;
Meu Pai do Céu, a morte há muito já me assusta,
Resignação, meu Deus, me dai para *morrer*.-3

Lebricho

PARAGÓGICA

(por sílabas)

Nossa Senhora perguntou aos semeadores: Que

semeais?

2—Pedras, responderam...

—Pedras vos nasçam...-3

Lebricho

SINCOPADAS

(por sílabas)

3—Ao lançar a *semente* à terra, o lavrador *suplica* a Deus uma boa colheita-2.

3—Ao *enxota-cães*, compete enxotar o *cachorro*.-2

Madre Helena

3—Enfim, *livre!*... Diz o *homem*—2.

3—Como é *lindo* o teu *destino*!-2.

L. Heitor.

EM FRASE

Não é divisível um *homem*—1-4.

Desde a vergonha à impudência.—1-2.

H. Raio

ENIGMA

Ninguem o p de negar,

Porque o sabe toda a gente;

O ditado bem vulgar:

De que quem cala consente.

Mas eu, que sou muito velho,

De muitos sobrinhos tio;

A todos dou de conselho:

Que quem se cala, tem brio.

Brio tem e tem vergonha,

Não fomenta discussões;

Nem *mudança*, qual Noronha,

De rápidas op'niões.

Lebricho.

Santos da Semana

S. Tomaz de Aquino

S. João de Deus

São dois santos que enaltecem a Igreja e operaram obras extraordinárias neste mundo.

O primeiro nasceu na Itália junto da cidade de Aquino, e resplandeceu pelas suas elevadas virtudes e talento brilhantissimo. Pertence à notabilissima Ordem dos Prêgadores, ensinou em varias Universidades, escreveu livros de ciência eclesiástica profundissimos, e compôs inos religiosos de uma enlevação e suavidade excepcionais, como os que dedicou ao Santissimo Sacramento, que difficilmente poderão vir a ser egualados.

Descendente de uma familia nobre, que o desejava para a vida do mundo, teve que opôr uma tenaz resistência e repulsa a esse destino. Refugiou-se num convento em Nápoles. Em vão sua mãe tentou lá ir arrebatá-lo. Retirou para Roma e seguia para Paris quando por seus irmãos foi tornado prisioneiro. De balde, durante dois anos, o submeteram às mais duras provas para o levar a renunciar à vida religiosa. Até que, vendo frustrados os seus esforços, consentiram a dar-lhe a liberdade, indo para o seu convento de Nápoles. Depois esteve em Roma, Paris e Colônia a ensinar. Recusou as mais subidas dignidades eclesiásticas que lhe foram ofecidas. Por ordem do Papa Urbano IV compôs o officio do Santissimo Sacramento.

Era devotissimo da Sagrada Eucaristia e de Nossa Senhora.

Mereceu o titulo de *Doutor Angélico*, que lhe foi confirmado por S. Pio V, não só pela sua pureza e innocência, como pelo seu subtil ingenho,

Faleceu a 7 de Março de 1274 no mosteiro de Fossa-Nova, da Ordem de Cister.

S. João de Deus nasceu em Montemor-o-Novo, a 8 de Março de 1495. Depois de ter percorrido varias terras fundou em Granada a Religião da Hospitalidade dos Pobres Enfermos. A Congregação dos Irmãos Hospitaleiros foi confirmada pelo Papa S. Pio V em 1572.

Em breve aquele pequeno hospital se tornou o mais famoso da Europa, graças ao zelo e caridade do nosso Santo.

Praticou actos de verdadeira heroicidade na prática da caridade para com os pobres. A sua obra estendeu-se a todo o mundo. Os religiosos de S. João de Deus são hoje muito conhecidos e os seus institutos bem apreciados e admirados.

S. João de Deus morreu a 8 de Março de 1550, junto a Granada.

DIRESSÃO GEOGRÁFICA

Quando fôres á cidade
P'ra tomar uma piela,
Podes tomá-la á vontade
Lá no tasco da viela.

Nuno 4.º

ENIGMA TIPOGRÁFICO

(ADÁGIO)

Kil. Kil.

0,0000498 A 0,0000498

II
X

UP A PU

Lebricho.

As decifrações dos trabalhos publicados no número 9, são: Atamento Primavera, Gajata-gata, Pifio-pio, Sofia-sôa, Marlota-Marta, Armando, Sancha, Sabino-Sabina, Viana do Castelo e Caranguejoia.

Lebricho.

As raças históricas na Lusitania

(Transcrição)

II

(Continuação do número 27)

Foram tronco dos mais turdulos. e por isso se chamam *antigos*.

Os Vetões ocupavam a parte oriental, estendendo-se desde o Douro, entre o Toro e Simoneas, até ao Tejo, que cortava o seu território perto da *ponte* chamada do *Arcebispo*, descendo pelos montes de Guadalupe até ao oriente de Trujilo, ficando parte deles entre o Tejo e o Guadiana.

Plínio diz que o Douro dividia os Asturianos dos Vetões; e Ptolomeu marcava para estes o limite oriental da Lusitania, desde o Douro, dando-lhes as cidades de Salmantica, Abila e outras.

*Entre Tornes e Cuda se extendiam
Do Douro ao Tejo os Vetões ousados,*

(Mascarenhas, *Viriato Tragico*)

A linha oriental dos Vetões confiava com os Oretanos, Carpetanos e Vascos e era limite entre Tarraconeuse e a Lusitania. A linha occidental chegava até ao limite actual de Portugal, ficando dentro dos Vetões a cidade Rodrigo e Placencia.

A linha meridional remontava junto a Albuquerque, Trupilo e Berzicuna, parte da Extremadura espanhola.

Compreendiam os Transcudanos que viviam em Traz os-Montes, além das Montanhas de Cõa, chamada hoje Riba Cõa; estendiam-se da banda do oeste além do Douro, desde a margem oriental dêste rio até a oriental do Labor.

Ocuparam também o país entre a fronteira de Portugal e a ribeira de Agueda, que corre por tôda a cidade Rodrigo.

Existiam ainda: — os Salmaticenses na Extremadura portuguesa, encravados entre o Tejo, Sor e Divor; os Lancienses na Beira, extendendo-se desde o Mondego até ao Tejo, do oriente ao occidente, desde Egle até ao Zezere.

Os Pesures ficava n por Covilhã, Castelo-Branco e parte da Serra da Estrêla, habitando o monte, Hermínio, e parecendo ter limites ao norte o Mondego, ao sul o Zezere, ao oriente o Coa, e os Beletanos ao occidente.

Os Beletanos ocuparam o território desde o monte Hermínio até ás margens orientais do Mondego.

Entre os Vetões contam-se também os Mirobrigenses, que tinham por capital Mirobriga.

No Alentejo até ao Guadiana habitavam também Celtas.

Estrabão chama celtica a esta região, dizendo que pela maior parte a habitavam Celtas e Lusitanos, que para aí haviam sido trasladados pelos romanos, desde as margens boreas do Tejo.

Plínio coloca a península celtica entre a Betica (ou Andaluzia) e a Lusitania até ao Promontório Sacro (ou cabo de S. Vicente).

Dividia-se esta província por vários povos: os Barbarios, do promontorio Barbario entre Almada, Cesimbra e Palmela, pertencendo-lhes Equa Bona, Arabrica, Cetobrica, Salacia; os Turdulos modernos, ao nascente entre o Tejo e o Guadiana, com Bordua, Norba, Meidobriga, Evandria e outras povoações.

Os povos propriamente chamados *Celtas* ocupavam a região que ficava junto á margem direita septentrional do rio Guadiana.

Confirmam com os Turdetanos ao occidente e com eles viviam de mistura, estendendo-se até aos Surdulos modernos pelo norte, aos Cynesios pelo sul, e até aos Vetões pelo nascente.

(Continua)

Fra Casil.

UMA CARAPUÇA

O que são e o que valem os intriguistas

(De Mário Gonçalves Viana—O Jornal
"O Cavado" de 18-2-933)

Não ha peor fauna do que a dos intriguistas. O povo chama-lhes na sua linguagem pitoresca, «enrodilhadores», porque onde eles aparecem logo tudo se complica e disvirtua. A intriga—ou seja movida por vicio ou por inveja—só perturba a paz social e o bem estar dos cidadãos. Fere sistematicamente os homens de bem, os caracteres impolutos e as pessoas dignas; deturpa os factos, com acinte e malicia; inventa intenções desonestas onde só existe honradez; abocanha e emporcalha tudo e todos, sem respeito pela dignidade alheia.

Por isso já o P.^o Antonio Vieira acentua que quando a inveja obseca os espiritos «as virtudes são pecados, os merecimentos são culpas, as obras ou boas qualidades são crimes.»

O intriguista—que revela covardia, baixeza de sentimentos e servilismo—nunca desarma.

Quando não consegue os seus torpes objectivos de uma forma, logo descobre outra maneira de enredar a pessoa ou pessoas que pretende alvejar com o seu ódio ou animal—versão.

Segreda aleivosias. Levanta suspeições. Provoca discordias. Afirma categoricamente aquilo que nunca ouviu dizer nem sequer viu! E depois em face das consequencias desastrosas que originou em face da sua «obra» miseravel, de traição, de vilania e de torpeza, ri-se satisfeito e murmura, entre os dentes: mas venceu!

Infelizmente, a intriga «vence» muitas vezes porque ha sempre espiritos fracos, ingenuos, estúpidos ou desprevenidos que lhe dão ouvidos.

Mas a intriga que ataca a traição, que manobra na sombra e envenena pestilencialmente a propria atmosfera onde vive nunca deu felicidade!

O intriguista, logo que se torna conhecido, é escorraçado de toda a parte como um ser nocivo e repelente.

A intriga torna malditos aqueles que dela se servem. A sua vitória, o seu triunfo é illusório. O intriguista é detestado e causa repulsas.

Ao passo que a vitima inocente dele é sempre estimada.

Ontem, como hoje é sempre assim.

A intriga persegue acintosa e indignamente os homens de carácter, de honra e de saber.

Mas no passado, como no presente, o triunfo dos intriguistas é apenas passageiro.

A sua consciencia há-de gritar-lhes sempre pela voz sonora do remorso: és um bandido; és um biltre; és um canalha, indigno de compaixão!

O intriguista tem os vicios e as abjecções proprias do caluniador, do espião, do hypocrita e do traidor — tudo isso posto ao serviço da astucia, da má fé e do mais baixo dos servilismos,

Ponham a sua atencão no que atraz fica transcrito esses intruzes que se servem de «chinesices» vergonhosas.

Fra Casil.

Liceu Municipal

Tem-se recebido com geral agrado as noticias que correm sobre a criação de um liceu municipal na cidade.

Isto afigura-se-nos que é verdadeiro tanto mais que o Municipio já aumentou aos seus impostos exclusivamente para as obras de um edificio para o liceu Municipal.

Boa medida.

Quer ir de graça a Lourdes!

Vá informar-se e habilitar-se na C.^a Editora do Minho, ou ao Centro das Novidades.

A peregrinação terá logar no dia 1 de Junho p. f. e o seu regresso em 8 do mesmo.

A viagem de graça compreende: transportes no comboio e das estações para os hotéis, seis dias de hotel em Lourdes, 3 refeições diarias (com vinho) e todas as gratificações.

Instruções

1.^o—Os excursionistas deverão munir-se do bilhete de identidade e conseguirem na sede do Distrito, a que pertencem, o passaporte de viajante. O organizador encarrega-se também de obter passaportes para as senhoras e cavalheiros não sujeitos vidadá militar,

“Ecos da Franqueira,”

Encontram-se na C.^a Editora do Minho, Barcelos, os recibos, dos assinantes dêste Semanário a quem pedimos encarecidamente o obséquio de os procurar, afim de nos evitar as despêsas do correio.